



***Fan Fictions* de Super-heróis das HQs: Intertextualidade e Pastiche¹**

Lucio LUIZ²

Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

A criação de *fan fictions* é um fenômeno cultural que vem se expandindo rapidamente, especialmente entre os jovens. As *fan fictions*, por princípio, são exemplos de intertextualidade e de pastiche, sendo que as baseadas nos super-heróis das histórias em quadrinhos norte-americanas extrapolam o pastiche para além do texto propriamente dito, buscando emular também o modelo de produção e de criação dos gibis que as inspiram.

PALAVRAS-CHAVE: fan fiction; histórias em quadrinhos; super-heróis; pastiche; intertextualidade.

Histórico das *fan fictions*

*Fan fiction*³ pode ser traduzida para o português como “ficção de fã”. Sob essa “nomenclatura” reúnem-se essencialmente histórias que fãs escrevem sobre personagens ou universos ficcionais de que gostam, seja de literatura, cinema, quadrinhos ou qualquer outra mídia.

Escrever uma história com base em personagens criados por terceiros não é novidade. Nos séculos XVII e XVIII, por exemplo, era bastante comum os escritores utilizarem personagens de histórias de outros autores, criando seqüências para os romances ou até mesmo escrevendo versões diferentes de uma mesma história, criando, por exemplo, um final feliz numa história que terminava originalmente em tragédia (PUGH, 2005).

Contudo, depois do surgimento de leis de direitos autorais em diversos países, que passaram a impedir que uma pessoa utilizasse numa obra o que havia sido criado por outro autor, essa prática tornou-se rara. De acordo com a legislação brasileira (Lei nº 9.610), por exemplo, não é possível utilizar em obras artísticas personagens cujos direitos autorais ainda estejam vigentes, a não ser com autorização do autor ou de seus

¹ Trabalho apresentado no NP Produção Editorial, do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista; Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estácio de Sá; e-mail: lucio@gd.g12.br.

³ As *fan fictions* também são conhecidas pelo acrônimo “fanfic”.



herdeiros. A única exceção é no caso de paráfrases e paródias.

Apesar das restrições legais, os fanfiqueiros⁴ justificam sua prática pelo fato de não visarem lucro com as fanfics (SÁ, 2002). De qualquer forma, os responsáveis pela indústria cultural costumam relevar a produção de fanfics para evitar o risco de despertar uma antipatia nos fãs, que são exatamente os consumidores de seus produtos culturais (PADRÃO, 2007).

A diferença entre as *fan fictions* e as histórias dos séculos XVII e XVIII supracitadas é o fato de que os fanfiqueiros escrevem sobre o que gostam, sem necessariamente possuírem preocupações estéticas ou literárias. Isso posiciona as fanfics num contexto cultural muito mais amplo, com a atuação direta dos fãs nos produtos da cultura pop.

Podemos posicionar historicamente a “primeira onda” das fanfics na mesma época em que houve a chamada “explosão” dos fanzines, revistas amadoras produzidas por fãs, que cresceram em popularidade e quantidade no início dos anos 70, seguindo o surgimento de seriados de TV de grande apelo popular internacional.

Segundo Pugh (2005), o primeiro fanzine a trazer fanfics, servindo como uma espécie de “marco histórico”, foi o fanzine norte-americano Spockanalia, dedicado à série de TV “Jornada nas Estrelas”. Seu título faz referência a um dos personagens mais populares do seriado, o alienígena Spock.

Mesmo com a popularidade dos fanzines, ainda assim eles eram restritos às comunidades de fãs. Nem todos tinham acesso a essas revistas não-oficiais, especialmente pela dificuldade de disponibilização das mesmas devido aos custos que seriam proibitivos para revistas amadoras. Contudo, após a popularização da internet nos anos 90, isso começou a mudar, pois diversos fanzines passaram a ser publicados na grande rede e as fanfics encontraram um terreno bastante fértil (COPPA, 2006).

Na internet, as fanfics passaram a ter espaço próprio, independente de estarem ligadas ou não a um fanzine. Isso permitiu que nessa “segunda onda” das fanfics, elas atingissem uma maior popularidade. Um dos mais populares *sites* dedicados às fanfics, o FanFiction.net, possui mais de 1,5 milhão de usuários cadastrados em todo o mundo, incluindo muitos brasileiros.

As comunidades dedicadas às fanfics em *sites* de relacionamento também são numerosas e contam com diversos membros, sendo que nesse caso é mais comum

⁴ O neologismo “fanfiqueiro” é utilizado informalmente para fazer referência aos escritores de fanfics. Também é comum o uso do termo em inglês “*ficwriter*”.



encontrar comunidades específicas para fanfiqueiros que produzem textos baseados em um determinado personagem ou universo ficcional.

Intertextualidade e pastiche nas fanfics

Uma das características mais fortes das fanfics é a existência do chamado cânone: os conceitos de personalidade e cronologia definidos pelas histórias oficiais e que servem de base para que os fanfiqueiros mantenham a coerência em relação ao desenvolvimento de seus textos. Essa preocupação faz com que os escritores de fanfic precisem possuir um bom conhecimento sobre o universo ficcional sobre o qual desenvolvem seus textos para que a reação dos personagens nas situações criadas seja condizente com o que, em tese, aconteceria se a situação ocorresse em uma história oficial.

Esse aspecto das fanfics, contudo, gera eventuais polêmicas entre fanfiqueiros, pois podem ocorrer diversas interpretações sobre a personalidade de determinados personagens, fazendo com que não exista consenso sobre a forma de se desenvolver cada história. Isso faz com que, muitas vezes, um fanfiqueiro escreva uma fanfic apresentando sua forma de interpretar o cânone em contraposição à fanfic de outro escritor (JENKINS, 2006).

Utilizando como exemplo as fanfics baseadas em histórias em quadrinhos, percebemos que a tentativa de ser “fiel” ao produto cultural original (mesmo considerando que essa “fidelidade” pode não ser consensual) faz com que, mesmo ocorrendo uma recriação do texto pictórico-verbal dos quadrinhos como um texto verbal, os fanfiqueiros mantenham uma relação muito próxima com as histórias originais, utilizando todos seus elementos, desde o uso de personagens e lugares até mesmo quanto à forma de desenvolver a ação e os diálogos.

Isso tudo nos remete ao conceito de intertextualidade, que foi cunhado por Julia Kristeva com base no conceito de dialogismo de Mikhail Bakhtin. Segundo Silva (2000, p.72),

Na concepção de Kristeva e [Roland] Barthes, o conceito de “intertextualidade” pretende destacar o fato de que um texto nunca é a expressão de um significado autorial singular nem tem um significado que se origina e se fecha naquele texto particular, de forma isolada, mas só pode ser compreendido na sua relação com uma variedade de outros textos. O conceito de ‘intertextualidade’ restitui ao texto seu sentido etimológico de trama, de tecido.



As fanfics, portanto, não apenas utilizam personagens ficcionais⁵ em uma história qualquer, mas sim partem do princípio de que é necessário que a nova história mantenha uma relação muito próxima com a história original ou, ao menos, com aquilo que o fanfiquero julga como o “correto” dentro do espírito do universo ficcional utilizado, baseado em escolhas altamente subjetivas.

Apesar de não haver pesquisas que determinem com precisão as faixas etárias, classes sociais ou outros dados relativos aos fanfiqueros, é possível conhecer bastante sobre os escritores de fanfics a partir das comunidades virtuais, dos *sites* de relacionamento e dos próprios *sites* de divulgação de fanfics, embora nenhum deles possua alcance global.

Essa falta de alcance global pode ser caracterizada pelo caráter segmentado das fanfics. É uma segmentação baseada nos gostos pessoais dos que escrevem as histórias. Por exemplo, fanfiqueros que produzem textos baseados em quadrinhos costumam relacionar-se em comunidades virtuais sobre fanfics de quadrinhos com outros que lêem e produzem sobre mesmo gênero, assim como fanfiqueros ligados a Harry Potter, Senhor dos Anéis, Matrix, etc.

Há exceções, mas estas geralmente ocorrem no caso de pessoas que estão ligadas a mais de uma comunidade de fãs, embora, ainda assim, seu relacionamento refira-se apenas àquilo ao qual estão emocionalmente ligadas (HERZING, 2005).

Embora os temas mais populares atualmente nas fanfics sejam a série literária Harry Potter e as histórias baseadas em animês e mangás⁶, as fanfics de super-heróis dos quadrinhos norte-americanos também possuem ampla comunidade de fãs. Contudo, enquanto costuma ser mais comum encontrar um público feminino entre os escritores de fanfics, uma observação superficial nos *sites* de publicação e em comunidades relacionadas ao assunto faz com que se perceba que, no caso específico das fanfics de super-heróis, a tendência, curiosamente, é de encontrar mais autores do sexo masculino.

No Brasil, os dois principais *sites* dedicados à publicação de fanfics de super-heróis⁷ também se diferem de boa parte dos demais *sites*, inclusive do FanFiction.net, pela opção por trabalhar com o conceito de “universo compartilhado” e serialização de histórias, numa proximidade com o formato de publicação dos quadrinhos norte-

⁵ Muitas vezes também ocorre o uso de personagens reais; por exemplo no caso de fanfics de grupos musicais.

⁶ Respectivamente, desenhos animados e histórias em quadrinhos de origem japonesa.

⁷ Hyperfan (www.hyperfan.com.br) e Quadrim (www.quadrimnet.com.br).



americanos, notadamente das editoras DC Comics e Marvel.

Ambos *sites* contam com atualizações mensais de seus “títulos”, que mesclam os universos ficcionais de super-heróis que, originalmente, não compartilham o mesmo “universo”, como Batman e Homem-Aranha. Além disso, possuem editores (fanfiqueros pertencentes aos grupos de escritores dos *sites* que possuam bom conhecimento do cânone) com a função de zelar pela integridade desse universo ficcional e sua cronologia literária.

Portanto, a intertextualidade nas fanfics de super-heróis está presente não somente na estrutura das histórias como também na própria estrutura de edição, publicação e organização, criando “amarras” criativas que ajudam a associar as fanfics ao pastiche.

Segundo o Dicionário Houaiss, pastiche é a “imitação servil de obra literária ou artística”. Já Jameson (1985, p.18) caracteriza o pastiche como

a imitação de um estilo singular ou exclusivo, a utilização de uma máscara estilística, uma fala em língua morta: mas a sua prática desse mimetismo é neutra, sem as motivações ocultas da paródia, sem o impulso satírico, sem a graça, sem aquele sentimento ainda latente de que existe uma norma, em comparação com a qual aquilo que está sendo imitado é, sobretudo, cômico. O pastiche é paródia lacunar, paródia que perdeu seu senso de humor.

O conceito de pastiche, portanto, complementa a intertextualidade presente nas fanfics, reforçando seu caráter submisso aos produtos culturais que deram origem, o que se nota muito fortemente no caso das fanfics de super-heróis dos quadrinhos norte-americanos.

Super-heróis: cronologia

Para dar continuidade ao assunto, é importante antes definir o conceito de “cronologia” nos gibis de super-heróis. Nesse meio, a cronologia vai além do conceito dicionarizado de “estudo do tempo e de suas divisões com o objetivo de distinguir a ordem de ocorrência dos fatos”. Na realidade, a cronologia para os quadrinhos de super-heróis é o registro de tudo o que acontece em cada história e que deve ser considerado como parte do passado do personagem nas histórias seguintes, mesmo no caso de gibis que estão há 50 anos ou mais em publicação contínua.

Nos quadrinhos europeus e japoneses, por exemplo, também existe uma



preocupação com a cronologia. Contudo, os quadrinhos norte-americanos de super-heróis não possuem (com algumas exceções) fim pré-determinado. Histórias do Super-Homem, por exemplo, são publicadas desde 1938 ininterruptamente. O mesmo acontece com vários outros super-heróis e universos ficcionais.

Segundo Santana (2004), em sua origem os *comics*, como são chamados os quadrinhos norte-americanos, não possuíam uma grande preocupação com a continuidade das tramas desenvolvidas em cada história. Não existia sequer o conceito de “universo compartilhado”, já que os super-heróis de uma mesma editora nunca se encontravam nas histórias.

Isso começou a mudar em 1940, quando começaram a ser publicadas as histórias da Sociedade da Justiça da América (*Justice Society of America*), que reunia numa mesma história diversos personagens da All-American Comics (uma das companhias que daria origem à DC Comics). Ainda assim, os personagens apenas se encontravam para fazer uma “introdução” ao gibi, já que as aventuras publicadas eram individuais (eles só começaram a atuar juntos em 1947).

A primeira preocupação com a cronologia como a conhecemos hoje surgiu na editora Marvel, que começou a fazer *crossovers*⁸ entre seus personagens tendo a preocupação de manter uma coerência entre as participações nos gibis alheios e a continuidade das histórias de suas próprias revistas, começando a solidificar o conceito de “Universo Marvel”. Pela primeira vez, fatos que ocorriam em um gibi tinham repercussões nas demais revistas de uma editora.

Como houve boa receptividade dos leitores em relação a essa idéia, em pouco tempo outras editoras buscaram seguir pelo mesmo caminho e isso acabou se tornando um padrão nos gibis de super-heróis. A preocupação com a cronologia se tornou tão grande que foram criadas histórias complexas e megassagas para corrigir as discrepâncias naturais de tantas décadas de história.

O principal exemplo foi a maxissérie Crise nas Infinitas Terras, que tentou corrigir 50 anos de “conflitos cronológicos” da DC Comics. Várias outras séries se seguiram a essa, além de gibis que eram lançados com o único propósito de estabelecer parâmetros para a cronologia de cada personagem (usualmente chamados *Secret Files & Origins*).

Tudo isso se reflete fortemente nas fanfics de super-heróis, já que há a intenção

⁸ União de personagens oriundos de universos ficcionais diferentes ou de publicações diferentes.



de emular todas essas características de preocupação com a cronologia e de modelo de publicação de histórias de forma seriada.

Conclusão

As fanfics possuem um caráter de intertextualidade e de pastiche muito fortes e as baseadas nos super-heróis dos quadrinhos norte-americanos apresentam essas características até na forma de se estruturar um *site* exclusivo sobre o tema.

Dos dois *sites* brasileiros especializados em fanfics de super-heróis citados anteriormente, podemos utilizar o exemplo do Hyperfan, do qual participo como autor e editor. O Hyperfan estreou na internet em 1º de abril de 2001, formado por uma “dissidência” do FanficBR, primeiro *site* brasileiro dedicado às fanfics de super-heróis, que funcionou entre março de 2000 e fevereiro de 2001.

Diferente de boa parte dos *sites* de fanfic, que permitem a publicação de textos por qualquer escritor, a estrutura do Hyperfan emula a de produção dos quadrinhos norte-americanos, com editores responsáveis por aprovar histórias e “zelar” pela manutenção da cronologia dos personagens (que, por misturar os universos ficcionais de DC Comics e Marvel, são mais sujeitas a “falhas”).

Embora também publique histórias fora desse “universo compartilhado” (posicionadas como “histórias alternativas” ou “fora do Universo Hyperfan”, respectivamente para denominar histórias com e sem super-heróis), o *site* tem como meta principal a publicação de histórias seriadas de super-heróis no mesmo modelo da publicação dos gibis, inclusive chamando as publicações de “regulares” ou “minisséries” de acordo com o modelo escolhido para o desenvolvimento da história.

A força do pastiche fica mais evidente quando se observa que foi lançado um livro em 2006 em comemoração pelos cinco anos do *site* e que, na impossibilidade de se utilizar os personagens com direitos autorais vigentes (o que, contudo, ocorre no *site*), optou-se por se elaborar um universo ficcional novo, com personagens de criação original, mas com as mesmas características dos fanfics de super-heróis, aproximando-se do conceito dicionarizado de “imitação servil”.

Considerando que, como dito anteriormente, Herzing (2005) afirma que os fanfiqueros sempre desenvolvem suas fanfics com base naquilo ao qual estão emocionalmente ligados, é natural observar essa “reverência” aos modelos trazidos pelas principais editoras norte-americanas de super-heróis no momento de se



desenvolver a intertextualidade das fanfics.

Contudo, mesmo considerando que o pastiche presente nas fanfics é uma forma legítima de criação literária, a forte influência da linguagem dos quadrinhos de super-heróis nos textos verbais e a conseqüente dificuldade em fugir desses padrões auto-impostos aliada ao respeito exagerado ao cânone, faz com que o fanfiquero corra o risco de ficar estagnado quanto ao desenvolvimento de novas possibilidades narrativas, deixando de aproveitar a oportunidade natural que as fanfics oferecem quanto à possibilidade de se inventar histórias e “ousar” na criação literária.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRASIL. **Lei n. 9.610**, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, 20 fev. 1998. p. 3.
- COPPA, F. A brief history of media fandom. In: HELLEKSON, Karen; BUSSE, Kristina (Org.). **Fan fiction and fan communities in the age of internet**. Jefferson: McFarland, 2006. p. 41-59.
- HERZING, M. J. **The internet world of fan fiction**. 112f. Tese (Master of Arts), Virginia Commonwealth University, Richmond, 2005.
- HYPERFAN. **Hyperfan: cinco anos de fanfic**. Brasil: Hyperfan, 2006.
- INSTITUTO ANTONIO HOUAISS. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- JAMESON, F. **Pós-modernidade e sociedade de consumo**. Novos Estudos, Cebrap, n. 12, p. 16-26, jun. 1985.
- JENKINS, H. **Fans, bloggers and gamers: exploring participatory culture**. New York: New York University, 2006.
- KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2007.
- MIRANDA, F. M. **Fanfic e fanfiqueros: leitores/fãs de livros/escritores**. In: HIPERTEXTO, 1., 2005, Recife. 1º Encontro Nacional Sobre Hipertexto: desafios lingüísticos, literários e pedagógicos. Recife: UFPE, 2005. Disponível em <<http://www.ufpe.br/hipertexto2005/TRABALHOS/Fabiana%20M%F3es%20Miranda.htm>>. Acesso em: 15 abr. 2008.
- PADRÃO, M. **Ascensão de uma subcultura literária: ensaio sobre a fanfiction como objeto de comunicação e sociabilização**. In: ENECULT, 3., 2007, Salvador. 3º Encontro



de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador: UFBA, 2007. Disponível em <<http://www.cult.ufba.br/enecult2007/MarcioPadrao.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2008.

PUGH, S. **The democratic genre: fan fiction in a literary context**. Bridgend: Seren, 2005.

SÁ, S. P. **Fanfiction, comunidades virtuais e cultura das interfaces**. In: INTERCOM, 25., 2002, Salvador. Anais do XXV Congresso Brasileiro das Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2002. CD-ROM.

SANTANA, B. **Cronologia**. HQ Maniacs. São Paulo: HQ Maniacs, 27 dez. 2004. Disponível em <http://hqmaniacs.uol.com.br/principal.asp?acao=materias&cod_materia=280>. Acesso em: 15 abr. 2008.

SILVA, C.; SIMÃO, M. **Anuário brasileiro de literatura fantástica: ficção científica, fantasia e horror no Brasil em 2006**. São Bernardo do Campo: Edições Hiperespaço, 2007.

SILVA, T. T. **Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

VARGAS, M. L. B. **Do fã consumidor ao fã navegador: o fenômeno fanfiction**. 210f. Dissertação (Mestrado em Letras), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2005.